

Não sois máquina – a propósito do 28 de abril

Bruno Chapadeiro (Pós-Doutorando em Saúde Coletiva
pela Escola Paulista de Medicina da UNIFESP)

Neste 28/4, celebra-se o “Dia Internacional em Memória das Vítimas dos Acidentes e Doenças do Trabalho”. Por determinismo astrológico ou mero acaso do destino, no dia de hoje também particularmente comemoro minha data natal. Nesse 2020, 34 outonos. Por mais “coincidências”, meu sobrenome Chapadeiro (sim, por incrível que pareça é um sobrenome e não um apelido como pensam os desavisados rs), costumo dizer que é inventado! Diz-se a palavra “Chapadeiro” derivar de “trabalhador da Chapada”. Pois bem, esse era o fazer de meu bisavô materno junto à Chapada Diamantina e, por assim ser conhecido entre colegas e familiares, alterou seu sobrenome à época. Comumente quando se busca significados de nomes/sobrenomes, há achados quase sempre nobres e pomposos. O meu é sinônimo de “matuto”, “caipira”, palavras que trazem à mente figuras como o Jeca-Tatu de Lobato ou os meridionais de Gramsci. Ou seja, ambas adquirem representatividade no imaginário dos habitantes das regiões mais economicamente avançadas, como sendo “a bola de chumbo que impede o progresso nacional”. São tempos como esses de pandemia, em que trabalhadores do campo abastecem os alimentos que passam pelos entregadores de aplicativos para que cheguem às mesas dos “confinados” *urbe et orbi*, é que se vê a importância dos “vinhos serem feitos de uvas” e das mãos por quais passam o toda a cadeia desde o cultivo da fruta ao primeiro gole da etílica bebida em nossas bocas. [Vertov](#) e a “[Ilha das Flores](#)” de Furtado bem nos auxiliam a compreender o que digo.

“Trabalho” parece ser algo que corre nas veias de quem vos escreve. Para além de ser também uma palavra marcada na pele deste, porém na língua de Victor Hugo. Tal como dizia um professor meu ainda na graduação: “Só estudamos/pesquisamos aquilo que nos incomoda, nos implica, o que precisamos resolver”. Sim, porém o Trabalho está na gênese de toda espécie humana, dotada de telencéfalo superior desenvolvido, polegares opositores e a capacidade de ser livre (mesmo que essa seja uma palavra que o sonho humano alimente em que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda). Figura como a categoria central no desenvolvimento de nossas funções psicológicas superiores como apontado por [Leontiev](#). Ou ainda, é a mediação necessária de nossas posições teleológicas segundo [Lukács](#). Através do acúmulo histórico-social advindo do manejo da técnica, de

ferramentas, mesmo as mais arcaicas, e da capacidade de pensamento abstrato, o “animal tornado homem através do trabalho” permitiu-lhe fazer história, criar cultura, pensar a política, produzir arte etc., o “poder de criar máquinas e o poder de criar felicidade”. Afinal, “*a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte!*” já diziam os titânicos. E se a Arte, algo tão relegado a segundo plano pelos burocratas, existe, é justamente porque a vida diante dos olhos não nos basta. Curiosamente, é justamente a Arte que, em tempos de isolamento, tem nos redimido da barbárie desses períodos. Barbárie, claro, se tivermos sorte como bem dito por [Mészáros](#).

É então por meio do Trabalho que ganhamos a vida, nos permite viver, nos atrela identidade, e sentidos e significados à condição humana, demasiadamente humana. Com ele, por ele e por causa dele, homens e mulheres ao redor do mundo ganham e perdem suas vidas materiais e subjetivas. Já dizia o velho barbudo comedor de criancinhas: o Trabalho satisfaz primeiro as necessidades do estômago, e depois as da fantasia. Consome-se nesse processo, saúde/doença. Ou seja, o que nos hominiza é o que também determina nossos modos de viver, andar com a vida, adoecer e morrer. Curioso não?. “*Seu sonho é sua vida, e vida é trabalho. E sem o seu trabalho, um homem não tem honra. E sem a sua honra, se morre, se mata*” cantava o saudoso Gonzaguinha. A forma social como o Trabalho é/está organizado e dividido tem impactos diretos em nossa saúde determinando-a. Em sua forma capitalista em que se preconiza o trabalho morto, abstrato, que produz valores de troca em antagonismo ao trabalho vivo, concreto, que produz valores de uso, os adoecimentos passam não somente pela alienação dos processos e dos produtos do trabalho em nome da forma salário, mas também pela perda de autorreferência de si e dos outros enquanto ser genérico. Doença é alienação e saúde é emancipação resumiram [Laurell & Noriega](#).

Desse modo, o contexto da pandemia da Covid-19 que vivemos atualmente, agudiza e complexifica como pensamos nossa saúde individual e coletiva enquanto trabalhadores(as) que somos. Em quê, um vírus, enquanto risco biológico passível de nos adoecer tem a ver com a forma com que trabalhamos? Lembremos que, como disse acima, trata-se de questão ulterior: versa mais sobre o *modo* com que as formas de se trabalhar estão arraigadas no sócio metabolismo do capital em que vivemos, do que *como se expressam* singularmente no cotidiano. Ou seja, o positivismo por detrás da questão se uma doença *é ou não do trabalho*, já deveria ter sido superada,

pois todas *guardam relação* direta/indiretamente com a base material/processos produtivos de uma sociedade.

Para compreendermos, vejamos como Berlinguer destaca 4 aspectos d'[A Doença](#) distintos e intercambiários entre si: O 1º, é o estar doente, ou seja, realmente apresentar alterações fisiológicas por causa da doença. No caso do novo coronavírus, pensemos naqueles(as) que de fato têm febre, tosse e falta de ar, ou seja, os *sintomáticos*; o 2º aspecto versa sobre o sentir-se doente em que os sintomas são notados. Há os que possam estar contaminados pela Covid-19 e nada sentirem. São os chamados *assintomáticos* que, inclusive, são a maioria contaminante. O 3º denota a identificação da doença. Os sinais do corpo que muitas vezes ignoramos, sempre pensando que estamos bem, aptos ao trabalho, às atividades domésticas etc., o que nos leva à demora pela procura de tratamento, geralmente apelando para que alguém próximo nos indique um medicamento certo. Trabalhar adoecido já é a nova constante do novo (e precário) Mundo do Trabalho; E por fim, o 4º aspecto diz sobre poder estar doente. Quem não vive de rendas e propriedades vive, como dissemos, do Trabalho, então o medo da perda do corpo saudável, produtivo é duplamente ameaçador pois pode-se perder também o sustento material.

Eis o “decifra-me ou devoro-te” que a pandemia do novo coronavírus impôs à sociabilidade do capital. Quem pode “dar-se ao luxo” de estar doente? Se não há quem produza e/ou quem consuma, devido ao distanciamento social recomendado, como esse sistema se valoriza e se reproduz? Quem produzirá a riqueza? Se este mundo se apresenta como “uma imensa coleção de mercadorias”, faz sentido agora “comprarmos coisas que não precisamos, com dinheiro que não temos, para impressionar pessoas de quem não gostamos”? [Tyler Durden](#) nos afirma que não.

E não, o capitalismo não será colapsado por um vírus, mas tão somente, como há tempos preconizado, pela luta de classes. Não à toa há um 1º de Maio de simbolismo tão forte e atual logo ali, tão próximo desse 28 de Abril. Que pode nos recobrar aos vigorosos dizeres do [Adenoid Hynkel](#) de Chaplin: “*Não sois máquinas! Homens é que sois!*” •••